

A AFETIVIDADE NA RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA: REFLEXÕES SOBRE O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

Francisco Roberto Diniz Araújo

Universidade Nacional de Rosario – UNR – *robertodinizaemd@hotmail.com*

Thábita Sâmela Araújo dos Santos Diniz

Centro Universitário de João Pessoa – UNIPÊ – *thabitasamela@hotmail.com*

Maria Fabiula Queiroz de Lima

Universidade Federal da Paraíba - UFPB – *fabiulaqueiroz1@gmail.com*

Janaina Bezerra da Silva

Universidade Estadual do Rio Grande do Norte – UERN - *janaina_janna9@hotmail.com*

Resumo

O presente artigo é fruto de uma pesquisa bibliográfica, que relata diversas situações acerca da temática em estudo e busca obter resultados significativos em relação à participação dos pais no contexto escolar e acerca da afetividade do educador para com os discentes. Diante disso, o trabalho tem como objetivo analisar a importância da afetividade na relação família-escola. O estudo apresenta a relação família-escola e expõe de maneira simples a instituição família, como o primeiro contato social que a criança possui e a importância dela para o contexto, no qual está imersa. Trata-se ainda da relevante contribuição da afetividade mediante o dever de casa e as relações escola-família, assim, apresentam-se informações que aclaram o papel fundamental dos pais ao vislumbrarem o que acontece em sala de aula, bem como o acompanhamento das atividades escolares de seus filhos, como forma de estimular os mesmos, em seus estudos. Sabe-se que hoje a afetividade e os problemas de ensino-aprendizagem fazem parte da vida de todos os profissionais da educação e de seus educandos, verifica-se que muitos ainda não possuem conhecimento acerca desse assunto, deixando a desejar quanto à afetividade e como inserir os pais na vida escolar de seus filhos. A base metodológica desse trabalho concentrou-se em uma pesquisa qualitativo-explicativa baseada em leituras, fichamentos, resumos de livros e artigos. Os dados coletados foram analisados a base de conteúdo. O desenvolvimento desse estudo foi de extrema importância pelo fato de oportunizar o conhecimento acerca da afetividade e como essa influência no contexto escolar, de modo positivo, e como a falta dela promove problemas e dificulta o desenvolvimento dos alunos. Assim, através desse trabalho foi possível observar os pontos mais relevantes acerca da afetividade e da relação escola e família que influenciam na vida escolar dos educandos.

Palavras-chave: Família. Escola. Afetividade. Aprendizagem. Indisciplina.

Introdução

A temática “A afetividade na relação família-escola: reflexões sobre o processo de ensino e aprendizagem” buscou diversos conhecimentos teóricos

visando adquirir meios para embasar esse estudo, levando em consideração a possibilidade da melhoria do processo de ensino e aprendizagem. Logo, o objetivo desta pesquisa consistiu em analisar a importância da afetividade na relação família-escola.

O aporte teórico desse estudo baseou-se em assuntos que se encontram inseridos no dia-a-dia do contexto escolar, destacando temas como a indisciplina, afetividade, relação pais e escola, entre outros. Nessa perspectiva, as informações pertencentes a essa temática foram organizadas, de modo a discutir a relação família – escola, que apresenta a importância do contato frequente que a escola e a família precisam desenvolver para se ter um melhor desenvolvimento educacional da criança.

O estudo contempla a relação família-escola, expõe-se de forma simples o contexto familiar, como o primeiro contato social que a criança possui e a importância dela para o contexto no qual a criança está imersa. Trata-se ainda da afetividade mediante o dever de casa e as relações escola-família, assim, apresentam-se informações que aclaram o papel fundamental dos pais ao vislumbrarem o que acontece em sala de aula, bem como o acompanhamento das atividades escolares de seus filhos, como meio de estimular os mesmos, em seus estudos.

Ainda se aborda a indisciplina como consequência da falta de afetividade e os problemas de comportamento no processo de aprendizagem. Todos esses assuntos foram abordados de forma a apresentar que a falta de atenção dos pais para com seus filhos pode gerar problemas bem específicos, como também pode fazer com que a criança perca o senso de limites, o que faz com que ela tenha comportamentos e atitudes incoerentes na sala de aula.

As reflexões e contribuições, evidenciadas nessa pesquisa, para a escola numa perspectiva de inserção dos pais na relação família-escola, apresenta pontos importantes que embasam a afetividade como algo promissor de conexões relevantes. Diante disso, espera-se que esse trabalho possa gerar contribuições nesse campo de estudo tão pouco conhecido que é a afetividade e a importância da relação família-escola.

Metodologia

A pesquisa científica apresenta-se como uma das atividades primordiais para a elaboração e para o desenvolvimento dos trabalhos acadêmicos, pois é por meio da metodologia científica que realizamos mudanças embasadas na forma inerente de pensar, agir,

se comunicar, além de orientar os caminhos para se chegar a uma investigação ou elaboração de algum trabalho que vise empreender ação positiva acerca da temática em questão.

Conforme assevera Severino (2007), a ciência faz uso de um método que lhe é próprio, o método científico, elemento essencial do processo do conhecimento realizado pela ciência para diferenciá-la, não só do senso comum, mas também das demais modalidades de expressão da subjetividade humana, como a filosofia, a arte, a religião. Trata-se de um conjunto de procedimentos lógicos e de técnicas operacionais que permitem o acesso às relações causais constantes entre os fatos.

Neste artigo, optou-se por uma abordagem qualitativa, que para Figueiredo (2008), trabalha com dados não quantificáveis, coleta e analisa materiais pouco estruturados, que não precisam tanto de uma estrutura, mas em compensação requerem o máximo de envolvimento do pesquisador.

Na ótica de Richardson (2008), a pesquisa qualitativa pode ser caracterizada como a tentativa de uma compreensão detalhada dos significados e características situacionais apresentadas pelos entrevistados, em lugar da produção de medidas quantitativas de características ou comportamentos.

Este trabalho consiste em uma pesquisa de caráter bibliográfico-explicativa desenvolvida através de materiais pré-elaborados, fundamentados por meio de livros e artigos científicos, além de expor a natureza exploratória, definida nas pesquisas bibliográficas.

Para Gil (2012) afirma que a principal vantagem da pesquisa bibliográfica se fixa no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. O autor ainda afirma que a pesquisa bibliográfica também é indispensável nos históricos. Em diversas ocorrências, não há outra maneira de conhecer os fatos passados senão com base nos dados secundários.

Considera-se a pesquisa explicativa um tipo de estudo que explana a razão, devido aos fenômenos, que aprofundam o conhecimento de uma determinada realidade. Independentemente, dessa modalidade está inserida nos métodos experimentais, a mesma está diretamente relacionada às ciências físicas e naturais.

Resultados e discussão

Nos dias de hoje, é de extrema importância e necessidade que a escola caminhe em perfeita sintonia com a família, porque a escola é uma instituição que vem a complementar os ensinamentos da família.

Dessa maneira, juntas tornam-se ambientes agradáveis e favoráveis para a convivência de nossos filhos e alunos. A escola não deve caminhar sem a família e nem muito menos a família deve caminhar sem a escola, pois uma necessita da outra para que ocorra um melhor desenvolvimento do processo educacional das crianças.

Os pais devem estar sempre atentos aos seus filhos, ao que eles falam, fazem e principalmente às suas atitudes e comportamentos que muitas vezes definem o que pode estar gerando dificuldades nesse processo educacional. Além disso, a escola também deve estar atenta a tudo de diferente que acontece com seu aluno, apesar de ser difícil, por causa do grande número de educandos. Deve-se, por diversas vezes, observar todas as atitudes e comportamentos, porque eles se comunicam conosco de várias formas: com a sua ausência, sua rebeldia, seu afastamento, seu recolhimento, seu choro sem motivo e até mesmo pelo o seu silêncio. Outras vezes, eles podem apresentar sinais mais nítidos como: o grito, a raiva por pequenos motivos, fugas das aulas, principalmente por notas baixas, também podem ocorrer mudanças na forma de se vestir, nos gestos e atitudes que praticam. São nesses diversos momentos que os pais devem notar que os filhos estão pedindo ajuda para resolver alguma coisa que para eles não está legal. Ou seja, diversas vezes é através do seu comportamento, que as crianças e adolescentes deixam claro para seus pais que existe algo errado seja no ambiente escolar, seja no próprio ambiente familiar. Apesar de que na correria diária, muitos nem prestam atenção àqueles pequenos detalhes ou muitas vezes apenas acham que é manha da criança, esquecendo sua verdadeira função de pai e/ou de mãe.

Ressalta-se que a inquietação e a falta de estímulo de crianças em idade escolar podem ser avaliadas como preguiça ou uma maneira de indisciplina, o que faz com que educadores e pais não entendam que isso pode apenas ser uma maneira de chamar a atenção deles por sentirem falta de um contato afetivo mais presente dos pais ou até mesmo dos educadores, por esse motivo eles agem de maneira indisciplinada ou sem estímulo para determinadas atividades, gerando por diversas vezes problemas no processo de ensino e aprendizagem.

É preciso entender o que é afeto, segundo o dicionário Amora (2009, p. 19) afeto é: “Sentimento de amizade, dedicação. Objeto de afeição. Afeiçãoado, dedicado”. Assim, para que o discente sinta prazer em realizar determinada atividade a princípio se faz necessário que ele seja estimulado e que essa estimulação ocorra através de uma afeição que existe de forma mútua entre ele e o seu educador.

Sabe-se que a afetividade acompanha o ser humano do seu nascimento à sua morte, pois ela está em nós como fonte geradora de muita energia.

Segundo Piaget (1963, p. 81): “Parece existir um estreito paralelismo entre o desenvolvimento afetivo e o intelectual, com este último determinado as formas de cada etapa da afetividade”. É notório que a afetividade é base para a construção do conhecimento racional dos seres humanos de maneira geral.

As crianças que mantêm uma boa relação afetiva com seus pais e seus professores são mais seguras de si, além de demonstrarem um interesse maior para as coisas que a cercam, além de compreender melhor o que faz parte do seu cotidiano e de apresentar um melhor desenvolvimento intelectual, até porque, até hoje criança que é feliz, que tem uma família e uma rotina diária estruturada apresenta um melhor rendimento escolar. Portanto, aprender deve estar relacionado ao ato afetivo, a uma troca que seja prazerosa, que gere bem-estar e satisfação.

A afetividade para a relação família–escola

Na maioria das vezes, a escola considera difícil e complicado trabalhar com as famílias de seus alunos, por serem tão diversificadas socialmente e por apresentarem novas composições familiares e por não conseguirem romper com a lógica reprodutiva da desigualdade social que ainda é muito presente nesse contexto. Apesar dessa constatação, os pesquisadores sociais reconhecem e frisam a importância da família no contexto escolar e ainda entendem que o atendimento às famílias pelas escolas deveria ser individualizado e conforme necessidade do educando.

Através das teorias pedagógicas, ao conceber a escola como instituição isolada da sociedade, fez-se com que fosse criado um de seus principais problemas. A escola, que deveria fazer uma intermediação do contexto escolar e familiar, fazendo com que o indivíduo e a sociedade caminhassem juntos, ao contrário, se torna fechada, destinada apenas para proteger a criança dessa sociedade contemporânea.

“É interessante registrarmos aqui que a escola, criada e sustentada pela sociedade com a finalidade de preparar o indivíduo para viver na sociedade e cujos elementos são todos advindos do meio social – conhecimentos, técnicas, desafios -, passa a ser pensada, nas teorias pedagógicas, como instituição isolada desse meio, como se nele não estivesse imersa” (BOCK, 1999, p. 268).

Mediante o contexto apresentado, se criou a ideia de que era possível preparar o sujeito para viver nesse cotidiano social,

sem estar propriamente inserido nesse contexto diário, inserido o mesmo em desvio escolar. Mediante a isso, é que se criaram muros em relação ao ambiente escolar, fazendo com que os educandos (crianças e jovens) fossem enclausurados em nome da educação.

Wallon (1986), em sua perspectiva, vem apresentar que a afetividade está sempre presente em todos os momentos, movimentos e circunstâncias das ações do sujeito, assim como o ato locomotor e a cognição, fazendo do indivíduo um ser completo. O espaço no qual o aprendizado ocorre permite a aproximação ou o retraimento em relação a sensações de bem-estar ou mal-estar que podem ser geradas. É importante saber aquilo que na escola (a sala de aula, a distribuição das carteiras e a organização do ambiente) provoca nos alunos: abraço ou repulsa. Destarte, Wallon apresenta a afetividade em três tipos de manifestações: por meio da emoção, do sentimento e da paixão. Essas manifestações surgem durante toda a vida do indivíduo, mas, assim como acontece no pensamento infantil, apresenta uma evolução, que caminha do sincrético para o diferencial.

Piaget (1896-1980) conceitua a afetividade como um agente motivador da atividade cognitiva. Para ele, a afetividade e a razão constituiriam termos complementares; *“a afetividade seria a energia, o que move a ação, enquanto a razão seria o que possibilitaria ao sujeito identificar desejos, sentimentos variados, e obter êxito nas ações”*.

É fundamental cuidar do aspecto afetivo das crianças e jovens no processo de ensino e aprendizagem, procurando entender que as crianças são diferentes, principalmente em sua maneira cognitiva e afetiva, mostrando esse desenvolvimento em cada fase de seu crescimento. Por isso, querer ensinar regras de comportamento às crianças e aos jovens sem proporcionar situações que façam com que essa interação os levem a uma tomada de consciência e decisão, se torna pura perda de tempo, e pode ser pior, uma vez que provoca e dificulta a aquisição plena do desenvolvimento cognitivo e afetivo que cada criança adquire.

Para Vygotsky (1896-1934), a afetividade surge através do desenvolvimento pessoal que seria operado através de dois níveis: o do desenvolvimento real ou efetivo, normalmente referente às conquistas realizadas, e o do desenvolvimento potencial ou proximal relacionado às capacidades a serem construídas. Como mencionado, é necessário que as crianças sejam inseridas em ambientes acolhedores, que promovam um bom desenvolvimento cognitivo e intelectual, fazendo com que as influências do ambiente as afetem de maneira positiva, principalmente por estarem inter-relacionados no melhor desenvolvimento da afetividade e intelectualidade da criança.

As contribuições de Wallon, Piaget e Vygotsky estão sendo retomadas diariamente pelos educadores para ilustrar a

percepção intuitiva de pais e professores de que as experiências e os laços afetivos influenciam os processos de ensino e aprendizagem.

Carl Rogers surge, nesse contexto, com uma nova perspectiva, principalmente quando ele concebe que o ser humano é um ser fundamentalmente curioso, mas que precisa de orientação e ajuda para que adquira um bom desenvolvimento.

Então, do ponto de vista educacional, não existe sentindo em se falar de comportamento ou em cognição sem referir-se à afetividade, e no processo de ensino e aprendizagem, os sentimentos dos educandos devem ser levados em consideração, pelo fato de que o aluno pensa, sente e age de maneira integral.

Face a esse debate, o professor passa a ser considerado um facilitador e mediador da aprendizagem, e não mais como aquele que transmite conhecimento, mas como aquele que auxilia os discentes a aprender a viver como indivíduos que estão em constante processo de transformação. Mediante a isso, o educando é sempre instigado a buscar o seu próprio conhecimento, sempre consciente de que essa busca pelo conhecimento fará com que constantemente aconteça uma transformação no seu contexto cognitivo.

O alcance de resultados significativos, o professor além de ser um mediador deve desenvolver algumas qualificações, tais como: a autenticidade, o apreço, a aceitação, confiança e a compreensão empática gerando em seus alunos uma autonomia, para que eles consigam seguir adiante conduzidos para uma aprendizagem significativa e eficaz.

O aluno não tem que se preocupar apenas em ser avaliado pelo professor, pois esse processo faz parte da aprendizagem. Contudo, a autoavaliação é responsável por fazer o aluno compreender que nem tudo são apenas qualificações numéricas, mas que existe uma avaliação qualitativa, na qual se observa quais aspectos e competências são de domínio do aluno. Lembramos que, no processo de aprendizagem centrado na pessoa, o educando torna-se gestor de seu próprio processo de busca e de conhecimento, porque ele aprende também a estabelecer critérios, a determinar os seus objetivos a serem alcançados e, acima de tudo, a verificar se foram alcançados tais métodos para a eficácia de seu aprendizado.

Dentro desse critério, é que se embasa a autoavaliação do aluno e a avaliação do professor como fatores primordiais e essenciais para uma noção do que realmente o aluno aprendeu.

Toda criança possui a necessidade de passar a diante o que de fato aprendeu nesse processo o aluno é responsável pela a sua aprendizagem e pela do seu colega. É através desse contato, que a mesma começa a desenvolver um relacionamento interpessoal com seus colegas e com a sua própria família.

Mediante a esse processo, é evidente que existe o erro cometido pelas crianças e, de modo geral, por todas as pessoas, quando estão inseridas no processo de aprendizagem, e cabe a escola e ao mediador fazerem a criança compreender isso da melhor maneira possível, principalmente porque pode ser através desse erro que o docente consiga instigar a criança e o jovem ainda mais a buscar conceitos e respostas corretas para tal situação.

É evidente que não se deve “cortar as asas” de nossos alunos e filhos, mas orientá-los para o voo, principalmente pelo fato de que é por meio dessa orientação que faremos com que esses indivíduos se tornem mais seguros e confiantes em si mesmos, sem esquecer de que o mediador é uma peça importante que deve ter cuidado para não gerar desconforto para o aluno, e quando o mesmo precisar de uma reorientação de conceitos e atividades.

A afetividade exerce um papel fundamental na vida dos alunos porque gera um elo entre o professor e o aluno, apesar de serem distintos em seus significados para a sociedade, a cognição e a afetividade entre eles são indissociáveis. Vislumbra-se ser fundamental as crianças se sentirem amadas pela família, pelos pais e, atualmente, pelos professores que passam boa uma parte do dia com elas. Porque o amor lhes dá segurança, fazendo com que a necessidade e a curiosidade de explorar o inexplorável seja mais forte, fazendo com que eles conheçam o mundo a sua volta.

É notório que, quando os pais se fazem presentes, mostrando interesse, acompanham o dia a dia do filho, na escola, vendo o que ele está aprendendo, através das coisas que está fazendo ou deixando de fazer e pelos seus progressos e por suas necessidades, as crianças apresentam maior motivação no processo de aprendizagem, pois se sentem orgulhosas de seus feitos realizados. O vínculo entre a escola e a família se faz mais do que necessário e é extremamente importante porque é através dele que muitas vezes conseguimos vencer obstáculos e problemas no transcorrer da vida escolar da criança e dos jovens.

“A família é essencial para que a criança ganhe confiança, para que se sinta valorizada, para que se sinta assistida”. (CHALITA, 2004, p. 26).

Por isso, é importante criar um elo de comunicação entre a família e a escola, ambas necessitam uma da outra, para que ocorra um processo de ensino e aprendizagem eficaz.

Observa-se que a interação entre a escola e a família não deveria ser reduzida meramente a reuniões formais, as quais se resumem a reclamações e contatos rápidos, nos quais apenas a escola, por diversas vezes, manda os pais resolverem problemas de âmbito de aprendizagem dos alunos, sem nem ao menos se preocuparem como podem trabalhar juntos para um crescimento e rendimento de seu educando. Ao contrário, esse contato família-escola deve ocorrer regularmente em

momentos positivos e negativos para que seja possível a maior troca de informações, nos quais a família possa efetivamente participar do dia a dia escolar de seus filhos, fazendo o que esse ambiente gere prazer e alegrias.

Evidencia-se que o sucesso ou o fracasso no desenvolvimento escolar da criança e dos jovens pode ser influenciado por diversos fatores, entre eles, o envolvimento da família com essas crianças, a relação cotidiana do professor com o aluno, as expectativas de pais em relação ao futuro de seus filhos, por exemplo, são fatores que podem cooperar ou não para que essas crianças estejam motivadas para um bom desempenho no processo de aprendizagem e durante toda a vida escolar.

Contudo, a afetividade só pode ser estimulada através da vivência das crianças com outras pessoas e outros ambientes, em que o educador mediador estabelece um vínculo de afeto com o educando, fazendo com que o mesmo sinta vontade de estar naquele ambiente, porque o mesmo lhe causa prazer e alegria. A criança precisa de estabilidade emocional para se envolver com a aprendizagem e a transforme em algo eficaz e que ela levará por toda a vida de maneira significativa. Por isso, o afeto pode ser uma maneira eficaz de se tornar mais próximo do educando e unido à ludicidade torna-se um caminho rico e estimulante para se atingir uma totalidade no processo do aprender, isso quando existir um aprendizado de fato. Chalita (2004, p. 72) descreve na revista *Profissão Mestre*:

O ato de educar é tão nobre quanto complexo. Muito mais do que um modo de transmitir conhecimento, ele prepara o ser humano para a vida, para a autonomia, para a felicidade. Há diversas formas de ensinar, mas o ato de educar só se dá com afeto, só se completa com amor.

É através desse pensamento que Chalita mostra que a relação família e escola é extremamente importante, porque é por meio do afeto que realmente existe o ato de ensinar, sendo um momento de transmitir conhecimento significativo e completo. Além disso, é perceptível que o ato de educar começa primeiro em casa a partir do contato direto entre pais e filhos. Em segundo, na escola, através do vínculo entre professor e criança. Dessa forma, o primeiro e mais importante é o contato família e escola, que promove uma estabilidade emocional, real e significativa para a criança, capaz de inseri-la em um ambiente de construção e formação cognitiva e pessoal, no qual ela começa a manter contatos diretos e afetivos com outras pessoas que estão no seu ciclo social diário.

Contudo, no processo desse ato de educar, deve-se entender que cada criança possui sua particularidade, e que cabe

ao docente perceber e entender o que acontece, de forma a motivar e estimular a criança para um processo de ensino e aprendizagem fazendo com que ela se sinta bem ao estar no espaço que promove conhecimento.

As consequências da falta de Afetividade: a Indisciplina

No despontar do século XXI, acompanhamos as rápidas mudanças e transformações pelas quais o mundo e a nossa sociedade passaram e estão passando. Assim, trazendo para o cotidiano, observamos de perto as modificações que estão ocorrendo na família e na escola.

A transformação que vem acontecendo na família e na escola está relacionada principalmente à mudança de valores sociais e individuais, a forte influência do meio tecnológico e a falta de regras e limites.

É fácil notar a mudança ética e de valores através de novelas, noticiários e programas em geral, nos quais se destacam a vitória de desonestos; traições; corrupção; violência e o sexo. Assim também, vê-se nos noticiários atuais, os quais apresentam verdadeiras aulas de violência, atingindo uma grande audiência, deixando a criança e o jovem presos, sujeitos às influências negativas que podem gerar um maior incentivo à indisciplina, à violência e às diversas situações que ficam impunes no nosso país. Em desenhos animados, assistimos às situações em que, muitas vezes, os personagens agredem-se, ofendem-se, agem com perversidade com os honestos sempre vistos como bobos. Em programas humorísticos, a figura do docente é sempre ridicularizada, corrompida e sempre enganada pelos alunos mais espertos.

Groppa (2002, p. 22) também comenta que seguir ou transgredir regras são atitudes preventivas ou geradoras de indisciplina, podendo desencadear situações de violência. Por exemplo: “[...] quando alguém, por vontade própria, causa danos à dignidade de outra(s) pessoa(s). Isso pode ser feito de maneira explícita, por exemplo, quando atentamos contra a integridade física do outro ou seus bens materiais ou de matéria simbólica, [...]”.

A mídia torna-se uma poderosa influência na indisciplina, na violência em casa e na escola, de forma direta e indireta, influenciando o desinteresse pelo estudo e pelo esforço de aprender, tornando o aluno desqualificado no poder do conhecimento que lhe é transmitido.

Nesse sentido, Weiss (2014, p. 48) afirma que: “Escolares que notaram colegas o agrediram professores em outros países aparecem em manchetes nos jornais brasileiros. Nesse contexto nacional e internacional, a vida humana perde o seu valor e a agressão, o desrespeito ao próximo torna-se rotina que já não causa espanto”.

A família também vem sofrendo diversas mutações não somente em sua estrutura, mas em sua forma de educar os filhos, o que na prática muda e repercute na vida dos alunos dentro da escola e na relação escola-família.

Considerações finais

A afetividade, nos dias atuais, é vista de maneira bem singular pelos pais, professores e pelos próprios alunos, até porque o que é afetividade para um educador, pode não ser para outro. Dessa forma, a afetividade possui atribuições externas ao ambiente escolar, como pôde ser visto através de diversos fatores que o processo de relação família–escola pode promover.

A concepção de afetividade, para os pais e alunos, ocorre de maneira contraditória, porque a afetividade não envolve apenas situações encontradas dentro do ambiente escolar, tais como: o bom relacionamento entre o aluno e professor, uma demonstração de afeto, o contato direto com os pais, mas envolve principalmente aspectos de fora da escola, como o acompanhamento dos pais, histórico familiar, relacionamentos interpessoais entre outros que muitas vezes são desconhecidos pela escola.

No cenário contemporâneo, a afetividade se torna um grande desafio para os educadores das redes públicas e particulares, sendo uma questão muito complexa, porque as visões em relação ao assunto ainda são muito variadas e atinge um número pouco significativo de professores, pais e dos próprios alunos que estão envolvidos nessas situações de maneira direta ou indireta.

Apesar da tarefa de educar ser de responsabilidade da família, ela por diversas vezes impõe essa função à escola, deixando em segundo plano a principal função do docente, que é transmitir e mediar o conteúdo aos alunos e, em algumas situações, buscar soluções para problemas de relação, sejam elas professor-aluno ou aluno-aluno, procurando resgatar a moralidade do conhecimento, que passa a ser construída socialmente, sem rigidez e autoridade pelo discente. O docente não deve esquecer que o educando é um ser inacabado, tendo como base essa visão ele começará a entender que o aluno se socializará em um ambiente de liberdade. Assim, deve olhar além da janela das salas de aula, esquecer um pouco o quadro, o giz e os livros e se apresentar mais humano, tentando buscar dentro de si respostas que fazem sentido para sua convivência e aproveitamento em sala de aula, valorizando mais a questão da afetividade e das relações escola-família.

Portanto, mesmo que a afetividade seja vista de maneira diferenciada pelos docentes, a falta de diálogo entre alunos e

professores inibe a formação de contato entre eles, gerando dificuldade no processo de aprendizagem. O entusiasmo e a motivação docente estão paralelamente interligados a relação professor-aluno.

Referências

AMORA, Soares. **Mini Dicionário da Língua Portuguesa**. Nova Ortografia. 19ª ed. Editora Saraiva: 2013.

BOCK, Ana Mercês. **Psicologias: uma introdução ao estudo da Psicologia**. São Paulo: Saraiva, 1999.

CHALITA, G. **Educação, a solução está no afeto**. São Paulo: Editora Gente, 2004.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de pesquisa social**. 6 ed. – 5 reimpr. – São Paulo: Atlas, 2012.

GROPPA, Julio Aquino. **Violência na escola, violências da escola**. Nova Escola, n. 152, p. 22, maio 2002.

PIAGET, J. **A relação da afetividade com a inteligência, no desenvolvimento mental da criança**. Texto retirado da internet e traduzido do original “the relation of affectivity to intelligence in the mental development of the child”. Bulletin of the MenningerClinic, London, v. 26, n. 3, 1962, V. 26, n. 3. p. 158-200, mar. 1962.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3 ed. – 9 reimpr. São Paulo: Atlas, 2008.

ROGERS, Carl, (1977) – **Tornar-se Pessoa**, 4.ª edição, trad. M. J. Carmo Ferreira, Morais Editores, Lisboa.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. – 23 ed. Ver. E atual. – São Paulo: Cortez, 2007.

VIGOTSKI, Liev Semionovich. **Teoria e método em psicologia**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

WEIS, C. Os direitos humanos contemporâneos. 3.ª edição São Paulo: Malheiros, 2014.

WALLON, H. **Psychologie et education de l'enfant**. In: F. Fernandes (Coord.) *Henri Wallon*. São Paulo: Ática, 1986 (Originalmente publicado em 1959).